

1) A origem

Nada pode ser mais difícil do que escrever sobre quem se ama. O amor, seja ele filial, fraternal, sexual ou metafísico, tolda-nos o pensamento, o olhar, e faz com que tudo ganhe uma dimensão pretensamente divina que nos afasta do real.

Em abono da verdade, o modo como conheci Valter Hugo Mãe foi através dos seus livros, na procura simples por mais um escritor que pudesse ser lido. Ainda não existia qualquer laço que nos unisse, nem ideia de filme, ou sequer um furtivo e casual encontro num país de uma “brutalizante” escala familiar. Recordo, por isso, a extraordinária epifania que foi descobrir, ao ler um dos seus livros, toda uma nova escrita na qual me reconhecia. Uma escrita que subitamente refletia as minhas gentes, a minha paisagem e todo o meu país.

Muitas vezes, os escritores percorrem caminhos sinuosos e demasiadamente racionais. Mas as narrativas cerebrais aborrecem-me, dizem-me pouco. Prefiro o sangue, a podridão, a paixão e o eterno ponto de não retorno. Personagens confrontadas com a sua humanidade, e que na iminência de agir terão de enfrentar os seus fantasmas e a sua triste e inevitável finitude.

A cada novo livro que ia lendo, encontrei outras vezes que pensava serem distantes e abafadas, vi heróis anónimos

ganharem aura e força de deuses e as suas histórias comuns impressas com o respeito e a glorificação que cada história individual e anónima nos merece.

E foi então que, na tarde da tal epifania, me dei conta de que poderia estar – se os astros um dia se alinhassem – diante do próximo Nobel de Literatura em língua portuguesa.

2) O homem interior

Os dias correm com uma desmesurada cadência. O escritor cresce e muda. O leitor muda também. As maiúsculas voltam. As histórias viram universalizantes. E a procura de uma qualquer pureza torna-se obsessão.

O leitor fica tão curioso que agora só ambiciona conhecer o escritor, não o que escreve, mas antes aquele que vive para escrever. Aquele que, como Itaro, mata besouros para construir ideias, numa premente busca de uma qualquer hipótese de redenção. E eis que se começa a desenhar em mim a tentativa torpe de retratar em filme a essência de Valter Hugo Mãe. Do escritor em diálogo com os leitores, com os seus fantasmas, com as pessoas que ama.

3) A fúria de deus

Na escrita de Valter Hugo Mãe, cada personagem, como cada um de nós, confronta-se com as consequências dos seus

atos. Não sabemos se as mulheres a dias de “o apocalipse dos trabalhadores” tiveram realmente um final assim tão redentor. Não sabemos se Crisóstomo encontrou efetivamente o seu caminho. Nem se Itaro, no final deste livro, chegará à paz que ambiciona. O que sabemos é que pouco podemos fazer perante a fúria de deus, mesmo este não existindo. Porque a fúria de deus são as agruras da vida. E agrura talvez seja uma palavra com uma sonoridade demasiado doce para a filha da putice com que somos presenteados todos os dias: a solidão que teima em nos acompanhar, a irmã gémea que morre, o amor que nos falta, a morte que se insinua, a derradeira tentativa de segurarmos as rédeas do nosso próprio destino para o qual somos impelidos.

Quando na primavera do último ano, durante as gravações do filme “O Sentido da Vida”, visitámos a “floresta dos suicidas” – no sopé do monte Fuji, um silêncio sepulcral, quase religioso, apoderou-se de nós. O emaranhado de fios brancos espalhados pelo chão da floresta, qual teia de aranha infinita, pareceu-me a metáfora perfeita de quem não está totalmente seguro do caminho a tomar. Pois só ao romper o fio, isto é, ao romper-se a vida, o hipotético suicida se irá perder de vez nas profundezas da floresta. Só aí, com esse gesto, tomou a decisão efetiva de alcançar algum tipo de paz: a não existência.

Existe, no entanto, um lado ofensivo em tudo isto: à menina Matsu não foi dado qualquer tipo de escolha. Não foi ela que escolheu seguir este caminho. Foi a fúria de deus ou do Escritor que não só a tornaram cega como a arrastaram até ao interior da floresta, representação máxima do labirinto

pérfido da mente do seu irmão. E aqui chegamos ao ódio que sentimos também pelo autor.

Como assim? Itaro vende a irmã? Como assim, alguém que me ensina que a cegueira pode ser infinitamente bela como uma folha em branco a ser preenchida – onde se imagina cidades na borda de penhascos e árvores invertidas sobre o céu –; que me diz que as hipérboles e as mentiras da menina são afinal a sua forma de agradecer à vida; como pode, quem escreve algo assim, condenar tão doce criatura a tão cruel destino?

Mas depois intuímos que é talvez este confronto com a maldade no seu estado puro que nos faz ver que esse mundo das trevas é afinal o nosso espelho, o nosso mundo.

Percebemos que a luta fratricida de Itaro e de Saburo é apenas a consequência natural das suas vidas. Que o modo como Saburo protege o quimono da senhora Fuyu é a única forma que tem de manter vivo o seu amor, porque as coisas só morrem verdadeiramente quando se desvanecem da nossa mente. Não existe redenção possível.

E aqui chegamos à parábola mais extraordinária que alguma vez me foi dada a ler: “A Lenda do Poço.”

Quando Itaro cai no poço, nós caímos com ele. E percebemos que tantos anos de terapia de nada serviram. Que a resposta esteve sempre ali. Que basta um livro para nos virar do avesso e sacudir as entranhas. E, não sendo por amor nem por deslumbre ou outro nobre sentimento, fico eternamente grato ao autor por me ter confrontado com a besta que sou. A mesma com que Itaro teve a coragem de coabitar no fundo

do poço, e de não a matar, mesmo que aterrorizado pelo medo. A besta que habita em nós e que urge não matar, mas sim domesticar.

4) A síndrome de Itaro

Conhecendo agora Valter tão bem, e sabendo-o tão cheio de amor, bondade, vida e humor, há uma pergunta final que se impõe: que raio de escritor é este que ousa ser tão cruel ao ponto de nos fazer desacreditar?

No livro, o autor faz um retrato fiel da sociedade japonesa. Uma sociedade construída sob aparentes equilíbrios – de uma aparente religiosidade, uma aparente normalidade e uma aparente cordialidade. Onde tudo se encontra em permanente processo de contenção. O que nos leva à beira do abismo, qual bomba prestes a explodir, ou flor a desabrochar, ou amendoeiras a florir uma única vez ao ano para nas semanas seguintes nada existir.

Se há magia na existência, e eu acredito piamente que sim, ela reside exatamente nessa fração de segundo que nos é permitido presenciar. Momentos únicos, gestos irrepetíveis, que só vê quem está verdadeiramente disposto a ver. Pena é que hoje estejamos todos tão ocupados de nada.

Portanto, nenhum dos homens será “per se” imprudentemente poético até reconhecer a magia irrepetível dos seus gestos. Porque é no gesto que reside o âmago da verdade. A verdade é a nossa obstinação em fazermos algo que nunca será visto. Porque não tem necessariamente de ser visto.

E é essa obstinação na criação que torna tão ofensiva a arte, já que, no fundo, é ela o único e verdadeiro contacto que temos com o sagrado.

Caçar imagens, como se propõe Itaro, e, com elas, procurar criar ideias e partilhá-las, é o nosso desígnio, sobretudo para aqueles que nasceram cegos como eu.

Para Saburo, as melhores lendas são as que cantam heróis que nunca desistem. Porque Saburo nunca desiste. E nós também não.

Miguel Gonçalves Mendes, Cineasta

São Paulo, julho de 2017